

O Perfume do Egito

© 2024 – Conhecimento Editorial Ltda

O Perfume do Egito
e outras histórias estranhas
C. W. Leadbeater

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e
de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução:

Vanessa Rodrigues Thiago

Revisão e preparação de texto:

Margareth Rose Carvalho

Projeto gráfico:

Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-5727-174-2

1ª edição – 2024

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Leadbeater, C. W. (Charles Webster), 1847-1934
O Perfume do Egito C. W. Leadbeater ; tradução
de Vanessa Rodrigues Thiago – Limeira, SP: Editora
do Conhecimento, 2024.
180 p.

ISBN: 978-65-5727-174-2

1. Contos ingleses 2. Ocultismo - Contos I. Título II.
Thiago, Vanessa Rodrigues

24-3476

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:
Contos ingleses

C. W. Leadbeater

O Perfume do Egito e outras histórias estranhas

Tradução de
Vanessa Rodrigues Thiago

1ª edição – 2024



Obras de C. W. Leadbeater editadas pela
EDITORA DO CONHECIMENTO

- Forma de Pensamento
 - Os Chacras
 - * As Vidas de Alcyone
 - A Clarividência
- O Homem Visível e Invisível
 - O Perfume do Egito

Sumário

Prefácio	7
O perfume do Egito.....	9
O templo abandonado	36
A promessa do major.....	45
Um teste de coragem	62
Um assassinato astral.....	68
Um aviso triplo	79
A confissão escondida	84
Jagannath.....	91
O aposento do barão	98
Salvo por um fantasma	116
Pirataria espiritual.....	176

Prefácio

As histórias relatadas neste livro são verdadeiras. Mas não espero que o leitor acredite nisso. Vou ficar satisfeito se pelo menos conseguir ajudá-lo a suportar o tédio de uma viagem de trem, ou puder lhe oferecer alguns momentos de prazer diante da lareira numa noite fria, ou mesmo numa tarde relaxante à beira do rio.

Para os poucos cujo interesse nesses assuntos não é apenas superficial, preciso confessar que alguns dos relatos aqui apresentados são experiências pessoais; outros são reproduzidos exatamente como me foram contados por pessoas de minha inteira confiança.

Em cada caso, com exceção de “Jagannath” e “O Apartamento do Barão”, eu mesmo ouvi a narrativa da própria pessoa envolvida na questão, de forma que não se suspeite que tenha havido aqui alterações como as que ocorrem em histórias que passaram por muitas mãos. Os fatos realmente aconteceram, embora possa ser difícil para alguém que não estude o assunto acreditar neles. Contudo, aqueles que estão familiarizados com a literatura ocultista serão prontamente capazes de compará-los a fatos já conhecidos.

Escrevi outros livros mais sérios em que essas ocorrências são explicadas cientificamente. Neste volume, no entanto, meu único desejo é ajudar os leitores a desfrutar de algumas horas de lazer.

O perfume do Egito

É curiosa a vida de um homem que vive em tumbas, embora até possa ser agradável sob alguns aspectos. O grande charme está na total liberdade que ele tem para sair e entrar, ou *não* sair e entrar, exatamente como quiser. Contudo, não deixa de ser uma vida terrivelmente solitária.

É possível que muita gente se recorde de um conto de Dickens, que acredito seja baseado em fatos reais, a respeito de um homem que foi acometido por um derrame no exato momento em que abria a porta de saída e ficou apoiado nela por longo tempo, até que a fechadura fosse arrombada e seu esqueleto caísse nos braços do serralheiro. Não me considero uma pessoa medrosa, mas confesso que durante o tempo em que habitei esse tipo de “aposento”, essa história às vezes me assombrava. E, de fato, deixando de lado esses dissabores pouco comuns, há um amplo campo de possibilidades inusitadas em se viver absolutamente só.

Todas as coisas mais desagradáveis que acontecem às pessoas, tanto na ficção quanto na vida real, parecem ocorrer quando elas se encontram sozinhas. E, embora não se duvide que esse talentoso autor estivesse certo, ao afirmar: “Agradeça à misericórdia dos Céus se a tragédia acontecer sempre a um único homem e nunca a muitas pessoas ao mesmo tempo”, sentimos que é bem mais fácil suportar esse sentimento quando não se é o indivíduo em questão.

Por outro lado, quando um homem que vive nessas “câmaras”, tranca a porta numa noite de inverno e se acomoda

confortavelmente junto à lareira para entregar-se à leitura noturna, ele mergulha num isolamento somente comparado ao do pesquisador que atingiu o nível máximo da academia.

Exatamente dessa forma^[1] eu havia me acomodado — não para ler mas para escrever —, na noite em que ocorreu o primeiro da série de eventos que vou relatar. Na verdade, eu estava escrevendo meu primeiro livro intitulado *Sobre O Estágio Atual da Lei de Transporte*. Eu havia publicado alguns ensaios sobre vários aspectos do tema, os quais foram tão bem recebidos pelas autoridades no assunto, que me senti encorajado a apresentar novos pontos de vista, de forma mais ambiciosa. Foi para isso que eu me concentrava com o mesmo zelo de um jovem autor, naquela noite. A razão para mencionar esse fato é apenas para mostrar qual era o tema em que meus pensamentos se fixavam com um interesse especial, distante o suficiente, claro, de qualquer coisa como um romance ou aventura.

Eu me lembro que tinha acabado de fazer uma pausa para reescrever um parágrafo complicado, quando de repente me veio aquela sensação que experimentamos, vez ou outra, de que não estamos sozinhos, de que há mais alguém no ambiente. Sabia que minha porta estava trancada, e que aquela ideia era, portanto, absurda. Ainda assim, a impressão foi tão forte que instintivamente me levantei da cadeira e percorri o olhar rapidamente no entorno. Não havia nada visível, e com uma meia risada da minha tolice retomei a escrita da frase, quando me dei conta de um odor peculiar na sala, que me pareceu familiar. Mas, por alguns momentos, não consegui identificá-lo. Então, passou pela minha mente a lembrança de onde eu o havia sentido antes, e minha surpresa foi enorme, conforme será percebido assim que eu explicar mais à frente.

Eu tinha passado as longas férias do ano anterior percorrendo o Egito, de lugar em lugar, tentando me familiarizar com a realidade do país, mantendo-me o mais longe possível das trilhas já conhecidas e longe do tumulto dos turistas. Enquanto estava no Cairo, tive a sorte de conhecer um certo sheik

[1] O narrador desta notável série de incidentes (a quem chamei de Sr. Tomas Keston) é, ou melhor, era, um advogado de confortável reputação em Londres. Achei melhor deixá-lo contar sua história com as próprias palavras, reservando comentários para o final. (Nota do autor)

(assim ele era chamado, embora eu não saiba dizer se realmente ele tinha algum direito ao título) que se revelou uma importante fonte de informações sobre os antigos costumes e hábitos dos califas medievais, quero dizer, não as *verdadeiras* relíquias das antigas dinastias egípcias. Meu criado me avisou para ter cuidado com aquele homem, que tinha a reputação de ser um mago e de lidar intensivamente com o demônio. No entanto, sempre o achei muito amigável e prestativo. Foi ele quem me mostrou muitos objetos interessantes, os quais eu teria deixado escapular, não fosse a sua atenção.

Um dia, indo visitá-lo numa hora incomum, fiquei impressionado ao entrar em seu quarto e me deparar com um odor muito peculiar. Era totalmente diferente de todos que eu já havia sentido – indescritivelmente rico e doce, quase opressivamente assim – e, no entanto, seus efeitos pareciam excitantes. Fiquei tão interessado pela fragrância que pressionei o sheik para que me desse um pouco dela ou me dissesse onde poderia obtê-la. Mas, para minha surpresa, ele se recusou educadamente, mas com firmeza, a fazer qualquer uma das coisas. Tudo o que me disse foi que era um perfume sagrado, usado apenas em certos encantamentos e que sua preparação era um segredo transmitido de tempos remotos, conhecido apenas por poucos escolhidos; e que nem todo o ouro do mundo jamais conseguiria comprar um único grão dele.

Naturalmente, isso excitou ainda mais a minha curiosidade, mas ele não quis me dar mais nenhuma informação sobre o perfume em si ou a finalidade para a qual o usava. Fiquei ali sentado conversando com o mago por uma hora ou mais. E obviamente minhas roupas absorveram aquela fragrância sedutora. Quando retornei ao hotel, ao escovar o meu casaco, o criado percebeu o perfume e recuou, assustado. Saindo de sua habitual impassibilidade e educação, ele perguntou apressadamente:

— *Effendi*^[2], onde esteve? Como é que esse perfume demoníaco veio parar nas suas roupas?

— Do que está falando? — perguntei. — Por que esse cheiro o perturba tanto?

[2] *Effendi* é uma forma de tratamento em turco, que significa senhor ou mestre. (N. da tradutora)

— Ó senhor, tenha cuidado! – disse ele, quase chorando. — O senhor não acredita; vocês, ingleses, não compreendem o terrível poder da antiga magia do Egito. Não sei onde esteve, mas, ó senhor, nunca mais volte lá, pois corre um terrível perigo. Somente os feiticeiros usam esse perfume, e nem eles mesmos podem prepará-lo. Apenas os demônios podem produzi-lo, e para cada frasco deve haver um sacrifício humano. Por isso o chamamos de *sangue de virgem*.

— Que bobagem, Mustapha! Não espera que eu acredite em histórias como essa. Você não consegue me arranjar um pouco dessa substância misteriosa?

— Nem me pagando! – respondeu Mustapha, com um semblante de pavor. — Ninguém vai me pegar; ninguém, eu garanto! E não me atrevo a tocar nele nem para salvar minha própria vida, mesmo que pudesse. Effendi, fique longe dessas coisas, pelo bem de sua alma!

Eu ri do receio dele, mas não podia duvidar de que havia falado sério. A verdade é que eu não consegui encontrar nenhum perfume semelhante àquele, embora tivesse tentado com todos os comerciantes do Cairo.

Quando afirmo que foi exatamente aquele aroma misterioso – fraco, mas inconfundível – que impregnara as minhas narinas naquela memorável noite em que eu escrevia, nos meus aposentos em Londres, todos vão entender que tive bons motivos para ficar surpreso. O que significaria aquilo?

Seria possível que aquele perfume pudesse ter permanecido em alguma peça do meu vestuário? Obviamente que não, pois, se isso tivesse acontecido, com certeza eu teria descoberto em muito menos tempo que os quatorze ou quinze meses já decorridos. Então, de onde viria? Porque eu estava totalmente convencido de que nenhuma fragrância parecida com aquela poderia ser obtida na Inglaterra.

O mistério ficou tão complicado que, quando eu parava de sentir o aroma, começava a pensar se tudo não teria passado de uma alucinação. E então, voltei ao trabalho, disposto a esquecer a história. Finalizei aquele parágrafo complexo, para minha satisfação, e talvez tenha escrito mais uma página, quando de repente e sem aviso comecei a sentir a fra-

grância novamente, mais forte que antes, bem como aquela mesma sensação desagradável da presença de alguma outra pessoa em meus aposentos. Mas, dessa vez, antes que eu pudesse me virar para olhar, senti uma respiração suave, como uma rajada de vento, na nuca, e ouvi um suspiro fraco. Pulei da cadeira com um grito inarticulado e olhei desesperado ao meu redor, porém nada vi de diferente, nenhum vestígio do visitante misterioso. “Nenhum rastro!”, suspirei. E assim que comecei a me recuperar do susto, surgiu novamente aquela sutil sensação do perfume da antiga magia oriental.

Seria tolice negar que fiquei muito assustado. Corri para a porta e a sacudi firmemente para verificar se estava trancada, exatamente da forma como eu a havia deixado. E voltei para o quarto. Não havia ninguém lá. Então procurei em ambos os cômodos, vasculhando cuidadosamente debaixo da cama, dos sofás e mesas, abrindo todos os armários ou caixas grandes que pudessem esconder até mesmo um gato, e não havia nada. Eu estava completamente intrigado. Sentei-me e tentei refletir sobre o assunto, mas quanto mais eu pensava, menos achava um caminho que me levasse a uma resposta racional para tais acontecimentos.

Por fim, decidi livrar-me daquele impasse e adiar qualquer consideração para a manhã seguinte. Tentei retomar meu trabalho, mas estava sem inspiração para escrever. Minha mente estava muito perturbada. A ideia obcecada de outra presença ali não me abandonava. Aquele suspiro triste ainda ecoava nos meus ouvidos, e provocou em mim uma sensação de depressão. Depois de algumas tentativas frustradas, desisti de escrever, me joguei numa poltrona perto da lareira e comecei a ler.

Embora cultive hábitos bastante simples, confesso que sou um tanto sistemático quando se refere à leitura: utilizo sempre a poltrona mais confortável que o dinheiro pode comprar, com aquela abençoada invenção – o “suporte literário” –, para sustentar o livro exatamente no ângulo certo, afastar a luz do meu rosto e concentrá-la em determinada página, deixando a escrivainha ao alcance da minha mão, para que eu possa fazer anotações.

Dessa maneira relaxada, me acomodei na ocasião, esco-

lhendo o livro *Ensaio*, de Montaigne, na esperança de que sua sagacidade e a maravilhosa flexibilidade de seu estilo pudessem me proporcionar o tônico mental de que necessitava. Por mais que eu tentasse me tranquilizar, enquanto lia, ainda sentia tanto a presença obsessiva como o leve perfume do Egito.

Acho que já estava lendo por cerca de meia hora, quando um odor mais forte do que antes penetrou minhas narinas e, ao mesmo tempo, um leve sussurro me fez desviar os olhos do livro. Imaginem o meu espanto quando vi, a cinco metros de mim, sentado à mesa de onde eu havia me levantado a pouco, um homem escrevendo. No momento em que olhei para ele, a caneta caiu de sua mão. Ele então levantou-se da cadeira, lançou sobre mim um olhar de profunda decepção e pesar, que era de partir o coração, e desapareceu.

Estupefato demais até para me levantar, fiquei sentado, encarando o lugar onde ele havia ficado, e esfreguei os olhos mecanicamente, como se para dissipar as últimas memórias de algum sonho horrível. Por maior que tenha sido o choque, fiquei surpreso ao perceber, após analisar minhas sensações, que elas eram claramente de alívio. Demorou alguns minutos para que eu pudesse compreender isso. Por fim, concluí que a assombrosa sensação daquela presença invisível havia desaparecido, e somente então me dei conta do quanto ela tinha sido terrível. Até mesmo aquele estranho perfume desaparecera rapidamente e, apesar da visão impactante que eu acabara de testemunhar, tive uma sensação de liberdade, como a que um homem sente quando sai de um calabouço para a plena luz do sol.

Talvez tenha sido esse sentimento, mais do que qualquer outra coisa, que me convenceu de que o que eu tinha visto não se tratava de uma ilusão; de que realmente houvera uma presença na sala, o tempo todo, que finalmente tinha conseguido se manifestar e ir embora. Fiz esforço para ficar calmo, relembrar cuidadosamente tudo o que tinha visto e anotar num papel que estava diante de mim na escrivaninha.

Em primeiro lugar, quanto à aparência daquele visitante invisível, se é que assim posso descrevê-lo, era imponente.

Seu rosto expressava grande poder e determinação, mas demonstrava também traços de uma paixão temerária, possivelmente uma rudeza latente que dava impressão de tratar-se de um homem muito mais temido do que estimado. Observei mais detalhadamente o aspecto firme de seus lábios, debaixo dos quais sobressaía uma curiosa cicatriz branca. Em seguida, recordei-me de como tal expressão havia mudado para uma outra em que raiva, desespero e pedido de ajuda estranhamente se mesclavam com um certo orgulho sombrio que parecia dizer: “Fiz tudo o que podia; joguei minha última cartada e ela falhou. Nunca me curvei antes para pedir ajuda a um mortal, mas agora peço a você”.

Provavelmente você dirá que observei muita coisa num simples olhar. Contudo, foi exatamente isso que ele me pareceu expressar. E, embora sua aparência parecesse sinistra, eu mentalmente resolvi que seu apelo não seria em vão, se pudesse de alguma forma descobrir quem era ele ou o que queria. Nunca acreditei em fantasmas e não estava certo de que começara a acreditar agora. Mas com certeza uma criatura em sofrimento era um irmão que precisava ser ajudado, estivesse habitando um corpo ou fora dele. Com pensamentos como esses, todos os resquícios de medo desapareceram. E, honestamente, eu acredito que, se o espírito reaparecesse naquele momento, eu pediria a ele para se sentar e expor seu problema com a mesma calma com que receberia qualquer outra pessoa.

Anotei cuidadosamente todos os eventos daquela noite, anexei a hora e a data, e assinei. Então, por acaso, ergui as vistas e meus olhos foram atraídos para dois ou três papéis caídos no chão. Eu tinha visto a larga manga da vestimenta escura que o espectro usava varrê-los para baixo, quando ele se levantou. Isso me fez lembrar que ele parecia estar escrevendo à mesa e, conseqüentemente, podia ter deixado alguma pista para o mistério. Imediatamente, fui examinar a escrivanhinha mas tudo estava exatamente como eu havia deixado, exceto minha caneta que continuava onde eu a vira cair da mão dele.

Apanhei os papéis do chão, e então meu coração deu um grande salto quando percebi entre eles um curioso fragmento

rasgado que, com toda certeza, não estava na minha escrivaninha antes. Pode-se imaginar a excitação com que o agarrei. Era um tira de cerca de doze centímetros por sete, provavelmente parte de um pedaço maior ou de um pequeno livro, pois uma das extremidades estava irregular, sugerindo que uma força considerável fora necessária para rasgá-lo. E de fato o papel era tão grosso quanto os de um pergaminho, e então não consegui chegar a uma conclusão. O curioso é que, apesar de estar amarelado pelo tempo, a borda recortada era alva, dando a impressão de ter sido rasgada havia pouco tempo. De um lado estava totalmente em branco, ou pelo menos, se algo algum dia fora escrito ali, havia desaparecido pela influência do tempo e da umidade; do outro lado, havia alguns caracteres borrados e indistintos, tão desbotados que mal dava para distingui-los e numa caligrafia em negrito, em tinta preta fresca, havia duas letras: “Ra”.

Já que a tinta com a qual aquelas letras haviam sido escritas correspondia exatamente à que eu tinha o hábito de usar, era difícil duvidar que não tivessem sido escritas na minha escrivaninha e que isso fosse o início de alguma explicação de que o espectro desejara se comunicar, mas por algum motivo não conseguira fazê-lo. Agora, por que se deu ao trabalho de trazer seu próprio papel, eu não podia entender, mas deduzi que provavelmente algum mistério estava escondido sob aquelas marcas amarelas indecifráveis. E então voltei toda minha atenção para elas. Contudo, depois de muita paciência e esforço contínuo, não fui capaz de ver nelas algum sentido, e decidi esperar amanhecer.

Contrariamente às minhas expectativas, não sonhei com o meu visitante invisível naquela noite, embora tenha ficado acordado por algum tempo pensando nele. De manhã, peguei emprestado a lupa de um amigo e retomei meu exame. E o que encontrei foram duas linhas escritas, aparentemente num idioma estrangeiro, e uma marca curiosa, não muito diferente de um monograma, posicionada no lugar de uma assinatura. Mas, com todos os meus esforços, não consegui distinguir as letras do monograma nem descobrir a linguagem das duas linhas, que se mostravam assim:

*Qomm uia daousa sita e o uia uiese quoam.
Nowa e qiru bamsuk ce saqbaeqi nuemak.*

Algumas dessas palavras tinham bastante semelhança com o latim. E refleti que, se aquele documento era tão antigo quanto parecia, o latim seria a língua mais provável. Mas não consegui ver coerência na frase. Então estava novamente distante de uma solução, e mal sabia que passos tomar a seguir. Escolhi não falar mais sobre os acontecimentos daquela noite e não mostrei aquele papel para ninguém, a fim de que não houvesse indagações sobre como ele viera parar na minha mão. Guardei-o cuidadosamente na carteira.

Com o passar do tempo, minhas investigações cessaram, pois não havia mais nenhuma novidade sobre o assunto, nem eu chegara a uma conclusão, até que ocorreu o segundo incidente dessa história, cerca de quinze dias depois. Mais uma vez, eu estava sentado à escrivaninha, no início da noite, envolvido não com o meu livro, mas com a tediosa missão de responder cartas. Não gosto dessa tarefa, e sempre deixo que se acumulem até que a quantidade delas chame minha atenção. Então dedico um ou dois dias para essa penitência e resolvo o que está pendente.

Aquela era uma dessas ocasiões, ainda mais acentuada pelo fato de ter que decidir qual dos três convites de Natal deveria aceitar.

Durante anos, sempre foi meu costume passar o Natal na Inglaterra com meu irmão e a família dele, mas naquele ano a saúde de sua esposa os obrigou a passar o inverno no exterior. Sou conservador ao extremo com detalhes como esses, e senti que não deveria aproveitar o Natal em outro lugar que não fosse com o meu irmão. Então, pouco me importava qual escolha fazer. Ali, entretanto, estavam os três convites. Já era 14 de dezembro e não tinha me decidido.

Ainda estava debatendo o assunto quando fui perturbado por uma batida forte na minha porta. Ao abri-la, deparei-me com a mão de um jovem queimado de sol, que a princípio não sabia quem era; mas quando ele gritou em tom alegre:

— Ora, Keston, meu velho, acho que esqueceu de mim!

Eu o reconheci imediatamente como meu antigo colega

de escola Jack Fernleigh. Ele foi meu calouro em Eton, e eu o achava um sujeitinho tão alegre e de bom coração que nossa relação “oficial” deslizou para uma amizade firme, o que era uma ocorrência muito rara; e embora ele fosse tão mais novo do que eu, em Oxford, que só tenhamos passado juntos alguns meses, ainda assim nossa amizade se manteve, e desde então eu me correspondia com ele de maneira meio desconexa. Sabia, então, que alguns anos atrás ele tivera algumas diferenças com o tio (seu único parente vivo) e partira para as Índias Ocidentais em busca de fortuna; e embora nossas cartas tivessem sido poucas e esparsas, eu sabia de uma maneira geral que estava indo muito bem lá. Então não foi com pouca surpresa que o vi parado na porta de meus aposentos em Londres.

Dei-lhe calorosas boas-vindas, convidei-o para se sentar perto da lareira e então perguntei o que fazia na Inglaterra. Ele me disse que seu tio tinha morrido de repente, sem deixar um testamento, e que os advogados haviam enviado um telegrama com a notícia. Imediatamente ele entregou seu posto de trabalho e voltou à Inglaterra no próximo vapor. Chegara a Londres tarde demais para visitar seus advogados naquele dia, e não tendo outros amigos na cidade devido à sua longa ausência, veio, como ele mesmo disse, para ver se eu tinha esquecido do meu antigo calouro.

— Fico muito feliz que você tenha vindo, meu garoto — disse eu. — Onde está sua bagagem? Precisamos enviar alguém ao hotel para buscá-la, pois vou lhe preparar uma cama aqui esta noite.

Ele esboçou um protesto, que eu imediatamente rejeitei. Encontramos um mensageiro e o enviamos ao hotel e nos acomodamos para conversar sobre os velhos tempos, o que foi até tarde da noite. Na manhã seguinte, foi cedo encontrar os advogados e, à tarde, partiu para Fernleigh Hall (agora de sua propriedade), mas não antes de acertarmos que eu iria passar o Natal lá com ele, em vez de aceitar qualquer um dos três convites anteriores.

— Acredito que encontrarei tudo em um estado terrível — ele disse —, mas em uma semana poderei organizar um

pouco as coisas e, se você chegar no dia vinte e três, prometo que encontrará pelo menos uma cama para dormir e terá uma atitude muito caridosa, evitando que o meu primeiro Natal na Inglaterra, depois de tantos anos, seja solitário.

Acertamos tudo e, assim, às quatro horas da tarde do dia vinte e três, eu estava apertando as mãos de Jack novamente na plataforma da pequena estação de trem, a poucas milhas de Fernleigh. O curto dia estava chegando ao fim quando chegamos à casa, e então pude ter apenas uma ideia geral de sua aparência externa. Era uma grande mansão elisabetana, mas não estava em bom estado. No entanto, as salas que nos receberam eram arrumadas de uma maneira clara e alegre. Tivemos um jantar aconchegante e, depois, Jack propôs me mostrar seu novo lar. Fomos acompanhados por um solene mordomo que carregava uma lamparina, e vagamos por labirintos intermináveis de corredores sinuosos, atravessamos grandes salas desertas e entramos e saímos de dezenas de quartos com paredes forradas de tapeçarias e painéis, alguns com paredes de uma espessura enorme, sugerindo todo tipo de armadilhas e passagens secretas, até meu cérebro ficar totalmente confuso. Senti que, se meus companheiros me abandonassem, eu poderia passar dias tentando encontrar o caminho para sair daquele labirinto.

— Você poderia acomodar um exército aqui, Jack!

— Sim — ele respondeu — e nos bons e velhos tempos Fernleigh era conhecido em todo o condado por sua hospitalidade, mas agora, como pode ver, os cômodos estão vazios e quase sem móveis.

— Logo você mudará isso e trará para casa uma nova esposinha — eu disse. — O lugar só precisa de uma nova lady para tomar conta de tudo.

— Sem chances disso acontecer, meu querido amigo, sinto muito dizer — respondeu Jack. — Não há dinheiro suficiente para qualquer coisa.

Eu lembrava como na época da escola ele adorava, com toda devoção juvenil, a encantadora Lilian Featherstone, filha do reitor da paróquia, e soube por meio dele, na universidade, que, pelo menos de sua parte, a intimidade infantil deles ha-

via amadurecido para algo mais profundo. Perguntei sobre ela agora, e logo descobri que sua estada nos trópicos não havia mudado seus sentimentos a esse respeito, que ele já havia arranjado um encontro com ela e seu pai, desde o seu retorno, para andar a cavalo, e que tinha boas razões para esperar, a partir do rubor de prazer que ela mostrou ao vê-lo, que não fora esquecido durante sua ausência. Porém, que tristeza! O pai dela tinha apenas sua aposentadoria para sustentar-se, e o tio de Jack (um egoísta libertino) não só deixou tudo ir à ruína, mas também sobrecarregou a propriedade, de modo que, no momento em que tudo foi pago, restou muito pouco dinheiro. Mal era suficiente para Jack sustentar a si próprio, e certamente não bastava para se casar.

— Então não há esperança com Lilian ainda, você me entende — ele concluiu —, mas sou jovem e forte; posso trabalhar, e acho que ela vai esperar por mim. Você a verá na quinta-feira. Prometi que jantaríamos lá; eles insistiram em me receber no dia de Natal, mas eu lhes disse que um velho colega de escola estava a caminho.

Nesse momento, chegamos à porta da galeria de quadros. O velho mordomo abriu a porta e começava a nos conduzir para dentro, mas eu disse:

— Não, Jack, vamos deixar isso para amanhã. Não podemos ver as pinturas bem nesta luz. Vamos voltar para perto da lareira e você me conta aquela velha lenda da sua família de que tanto se falava na faculdade; eu nunca ouvi mais do que meros fragmentos dela.

— Não há nada que valha chamar de lenda — disse Jack, enquanto nos acomodávamos na aconchegante sala que ele chamava de seu escritório. — Nem é muito antiga, pois se passa na última parte do século dezoito. O interesse da história, como ela é, gira em torno de Sir Ralph Fernleigh, o último baronete, que parece ter sido um personagem um tanto questionável. Ao que parece, era estranho e reservado, um homem de fortes paixões, vontade de ferro e orgulho indomável. Passava grande parte do tempo no exterior e teria adquirido enormes riquezas através de meios que não suportariam uma investigação muito minuciosa. Era comumente conheci-